

## AI MADRE, MOIRO DE AMOR

Passei a noite a sonhar com cantigas de amor e cantigas de amigo, feliz de ter nascido nesta nossa língua portuguesa, cujo som me lembra o do vento em setembro, na Beira Alta, quando eu era pequeno e tudo parecia cantar, os pinheiros, o granito, a erva, a serra ao longe, o burro da nora às voltas, às voltas, e eu dentro daquele milagre de sons enquanto o correio das seis passava lá em baixo. Que saudades da minha avó a chamar-me

– Filho

à janela, do meu pai a fumar na varanda para a serra, dos bandos de pássaros que só voltariam para o ano e eu sentado numa pedra no pinhal do Zé Rebelo, a assistir à chegada das primeiras nuvens do outono. Os Quatro Caminhos, velhas de luto, um cão magríssimo que não dava por mim, trotando sem pressa a pensar, a pensar. Muito pensam os cães, não é, muito pensam os cães. Muros de pedra vã. Um lagarto quieto, numa atitude de arranque. Os primeiros assobios secretos do vento. O meu avô, de casaco de linho, a olhar os castanheiros, a minha mãe tão nova. Os surpreendentes olhos azuis do meu irmão Miguel, as extraordinárias covinhas nas bochechas do